

Revisitando o Domicílio Complexo

IRACI DEL NERO DA COSTA

Resumo

O artigo é votado ao estudo do domicílio complexo no início do século XIX para distintas estruturas demográficas e econômicas de Minas Gerais. São efetuados cortes concernentes à presença do domicílio complexo entre proprietários e não-proprietários de escravos, considerando-se, para os primeiros, o tamanho dos plantéis de cativos. Chega-se à conclusão de que tal tipo de domicílio difundia-se por todo o corpo social, não se definindo como característico das elites possuidoras de grandes cabedais e avultada escravaria.

Palavras-chave: demografia histórica, Brasil: família e domicílio, Minas Gerais: domicílio complexo.

Abstract

This paper deals with the complex household in the beginning of the nineteenth century for a number of localities in Minas Gerais. It studies the occurrence of complex households both for slaveholders were found in all socioeconomic levels, and not typically in the wealthy elites who owned a great number of slaves.

Key words: historical demography, Brasil: family and household, Minas Gerais: complex household.

Professor da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo.

"Cosinhas enormes; vastas salas de jantar; numerosos quartos para filhos e hóspedes; capela; puxadas para acomodação dos filhos casados; camarinhas no centro para a reclusão quase monástica das moças solteiras; gineceu; copiar; senzala" (FREYRE, 1946, p. 33-34).

"... ia-se rebaixando acanalhado, fazendo-se cada vez mais torpe, mais abjeto, mais cortiço (...) paraíso de vermes, brejo de lodo quente e fumegante, donde brota a vida brutalmente, como de uma podridão" (AZEVEDO, 1976, p. 155-156).

Outros trabalhos⁽¹⁾ ensejaram-nos oportunidades para considerarmos a família extensa ou, usando termo mais genérico, o domicílio complexo, o qual deve ser entendido como o que congregava, além do núcleo familiar básico, parentes de integrantes do mesmo e/ou núcleos familiares secundários igualmente compostos por pessoas que mantinham laços de parentesco com aqueles primeiros⁽²⁾

Naqueles estudos, aos quais somam-se pesquisas desenvolvidas por outros autores, patenteou-se a modesta participação relativa do domicílio complexo no plano da organização familiar da sociedade brasileira dos séculos XVIII e XIX. Tais trabalhos evidenciaram, ademais, que a assim chamada família patriarcal não se trata de fenômeno passível de observação empírica imediata.

No artigo vertente retomamos o tema visando deslindar mais alguns aspectos dos domicílios complexos. Interessa-nos, particularmente, determinar sua difusão no corpo social, bem como estabelecer a relação entre a incidência dos mesmos e o nível relativo de riqueza de seus integrantes. Como indicador desta última, adotamos a propriedade de escravos. Como fontes primárias, servimo-nos de levantamentos populacionais efetuados em nove localidades mineiras em 1790 (Santa Luzia de Sabará) e 1804 (demais), núcleos estes que agrupamos segundo quatro estruturas populacionais típicas por nós delineadas em estudos já publicados: Urbana (Vila Rica, Passagem de Mariana e um dos distritos de Mariana), Intermédia (Furquim e

(1) Cf. COSTA (1977, p. 21 e seguintes; 1979, p. 155 e seguintes; 1981, *passim*; 1982, *passim*).

(2) A categorização de domicílios adotada em nossos estudos vai descrita em COSTA (1979, p. 162-164). Note-se, ainda, que no artigo vertente entendemos como domicílios complexos os compreendidos nas categorias 4 (domicílio familiar ampliado) e 5 (domicílios múltiplos) da classificação supracitada.

Santa Luzia de Sabará), Rural de Autoconsumo (Nossa Senhora dos Remédios) e Rural-Mineradora (Abre Campo, Gama e Capela do Barreto)⁽³⁾

Colocadas estas observações preliminares, passemos ao objeto que nos ocupa.

A análise da Tabela 1 permite-nos afirmar que, em termos genéricos, os domicílios complexos compareciam nos dois segmentos sócio-econômicos em foco; assim, a parcela majoritária dos mesmos ocorria entre os não-proprietários de escravos, fato este que, como veremos adiante, devia-se à inferioridade numérica dos possuidores de cativos. Impõem-se, ademais, algumas ilações as quais podem ser referidas imediatamente aos distintos substratos econômicos que caracterizavam as estruturas populacionais aqui contempladas. Destarte, no meio rural onde predominava a produção de gêneros de subsistência votada ao autoconsumo e que ainda se distinguia pela presença mais modesta de escravistas, dois terços dos domicílios complexos concentravam-se no segmento dos não-proprietários. Embora não nos escape que estamos a trabalhar com reduzido número de casos, parece-nos sugestivo que no outro extremo apareça, justamente, a estrutura rural-mineradora a qual se marcava pela especialização na produção de gêneros destinados à comercialização ou na extração aurífera. Já nas áreas que conheciam diferenciação no sentido de uma vida urbana mais intensa - caso das duas outras estruturas populacionais - observava-se uma distribuição mais equilibrada e não muito distante dos 50%.

TABELA 1
DISTRIBUIÇÃO DOS DOMICÍLIOS COMPLEXOS
SEGUNDO A POSSE OU NÃO DE ESCRAVOS

Estruturas Populacionais Típicas	Domicílios Complexos		Porcentagens
	Sem Escravos	Total	
Urbana	101	184	54,9
Intermédia	81	157	51,6
Rural de Autoconsumo	6	9	66,7
Rural-Mineradora	1	4	25,0

Fonte: COSTA (1982, Apêndice Estatístico).

(3) Para discriminação pormenorizada das fontes documentais e caracterização de cada estrutura populacional veja-se: COSTA (1979, p. 134-137; 1981, p. 215-231; 1982, p. 13-87; 1986, p. 96-107).

Como avançado acima, estas conclusões devem ser qualificadas pela consideração da maior ou menor presença relativa de escravistas e de não-proprietários; vejamos, pois, o que nos revela a Tabela 2, na qual indicamos a participação dos domicílios complexos sobre o total de domicílios correspondentes a cada um daqueles dois grupos. Dela se infere que cerca de 7.0% dos domicílios de não-escravistas apresentavam estrutura complexa; já para os proprietários de cativos, o peso relativo correlato mostrava-se ligeiramente superior, pois girava em torno dos 8%. Tal discrepância, bem como as observadas entre as distintas estruturas populacionais, parece-nos demasiadamente pequena para suportar qualquer outra ilação. Aventuramo-nos, no entanto, a propor duas hipóteses genéricas, as quais, esperamos, serão retomadas e testadas por outros pesquisadores. Vejamo-las:

1. Excluídas as áreas de forte especialização e com presença de escravistas de grande porte, não haveria divergência significativa na incidência de domicílios complexos entre proprietários e não-possuidores de cativos.
2. Nas áreas em que se definia a especialização na produção com base na posse de grandes plantéis de escravos, ocorreria a tendência de uma parcela maior dos escravistas congregar-se em domicílios complexos.

TABELA 2
PARTICIPAÇÃO RELATIVA DOS DOMICÍLIOS COMPLEXOS
SEGUNDO A POSSE OU NÃO DE ESCRAVOS

Estruturas Populacionais Típicas	Domicílios Sem Escravos			Domicílios Com Escravos		
	Complexos	Total	%	Complexos	Total	%
Urbana	101	1342	7,5	83	870	9,5
Intermédia	81	1160	7,0	76	915	8,3
Rural de Autoconsumo	6	96	6,3	3	65	4,6
Rural-mineradora	1	15	6,7	3	26	11,5

Fonte: COSTA (1982, Apêndice Estatístico).

Retomando o leito natural deste artigo, vemo-nos obrigados a efetuar um último corte, qual seja, o respeitante ao estudo da incidência dos domicílios complexos segundo o número de escravos pertencentes a seus integrantes. Para tanto, construímos a Tabela 3 na qual tomamos os dados dos dois distritos mais populosos e urbanizados de Vila Rica: Antônio Dias e Ouro Preto. Neles concentrava-se 50,8% da população ouro-pretana: 48,1% dos livres e 56,6% dos cativos. Neste núcleo principal centralizava-se, ademais, a vida administrativa, militar e religiosa da urbe.

Da aludida tabela depreende-se que a maioria dos domicílios complexos de escravistas concentrava-se na faixa inferior de tamanho dos plantéis, cabendo aos que poderiam ser considerados proprietários de grande porte cerca de um vigésimo do número total daqueles domicílios. Assim, impõe-se a afirmação de que estes últimos, a par de se mostrarem em todas as faixas de tamanho da escravaria, não se revelavam como característica marcante dos proprietários mais abonados.

TABELA 3
DISTRIBUIÇÃO DOS DOMICÍLIOS COMPLEXOS
SEGUNDO O NÚMERO DE CATIVOS POSSUÍDOS
(Distritos de Antônio Dias e Ouro Preto - 1804)

Número de Escravos Possuídos	Antônio Dias		Ouro Preto	
	N ^{os} Absol.	%	N ^{os} Absol.	%
1 a 5	10	55,5	23	63,8
6 a 10	6	33,3	10	27,8
11 a 15	1	5,6	2	5,6
16 a 20		-	1	2,8
+ de 20	1	5,6		

Nota.: Considerados apenas os domicílios de escravistas.

Fonte: MATHIAS (1969, p. 3-113).

As conclusões maiores destas notas são imediatas. Os domicílios complexos, como aqui conceituados, não se definiram como fenômeno típico de dado grupo sócio-econômico; ao contrário, encontramos-os tanto entre os proprietários de escravos como entre os que não possuíam cativos. Ademais, as porcentagens de domicílios complexos tomadas sobre o número total dos mesmos, considerados os segmentos de detentores e não-proprietários de mão-de-obra servil, não se mostraram expressivamente distintas. Por fim, contemplados apenas os domicílios complexos nos quais comparecia a mão-de-obra escrava, observou-se que a parcela majoritária dos mesmos encontrava-se no estrato referente a pequenos escravistas; como consequência, aos escravistas de maior porte correspondia, tão-somente, cerca de um vigésimo do número total daqueles domicílios. Destarte, embora o peso relativo dos domicílios complexos, como avançado na abertura deste artigo, fosse modesto, e conquanto se possa vir a encontrar parcelas não desprezíveis dos componentes das famílias de posses avultadas neles se reunindo, os mesmos faziam-se presentes nos diversos grupamentos sócio-econômicos concernentes à população livre da sociedade colonial brasileira.

Tais colocações, parciais com respeito ao espaço e ao tempo e não exaustivas quanto ao tema, indicam a necessidade de novas pesquisas, as quais, a nosso juízo, deverão atentar para o fato de que formas semelhantes de interação social podem decorrer de contextos sócio-econômicos díspares. Vale dizer, o domicílio complexo pode advir tanto da disponibilidade como da falta de recursos materiais. Numa situação, o conagraamento propiciado pela abundância; noutra, a reunião imposta pela carência de meios, verdadeira estratégia de sobrevivência de pessoas menos abonadas. No primeiro caso a possibilidade, no segundo a necessidade. Como extremos que são, Casa-Grande e Cortiço se tocam, oferecendo-nos mais uma expressão de um meio social profundamente marcado pela dicotomia riqueza/pobreza como, pelo desfiar dos séculos, tem sido o nosso.

Referências Bibliográficas

- AZEVEDO, Aluizio. *O cortiço*. São Paulo, Ática, 4a. ed., 1976, (Série Bom Livro).
- COSTA, Iraci del Nero da. A estrutura familiar e domiciliária em Vila Rica no alvorecer do século XIX. *Revista do IEB*. São Paulo, IEB/USP, nº 19, p. 17-34, 1977.
- . *Vila Rica: população (1719-1826)*. São Paulo, IPE/USP, 1979, (Ensaio Econômico, 1).
- . *Populações mineiras*. São Paulo, IPE/USP, 1981, (Ensaio Econômico, 7).
- . *Minas Gerais: estruturas populacionais típicas*. São Paulo, EDEC, 1982.
- . Minas Colonial: características básicas de quatro estruturas demo-econômicas. *Acervo*. Rio de Janeiro, Ministério da Justiça/Arquivo Nacional, v.1, nº 1, p. 95-114, jan/jun 1986.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. Rio de Janeiro, José Olympio, 5ª ed., il., 1946, v. 1.
- MATHIAS, Herculano Gomes. *Um recenseamento na Capitania de Minas Gerais (Vila Rica 1804)*. Rio de Janeiro, Ministério da Justiça/Arquivo Nacional, il., 1969, (1ª Série Publicações do Arquivo Nacional, 63).

(Originais recebidos em julho de 1991).